

Notas de um revisteiro

Aqueles que tanto se alvoroçam com as pobres escramuças do reles cronista amador, de pseudo-jornalista que eles, os atilados, mesmo com pseudónimos vão conhecendo, o que revela o meu *estilo creador*; — a esses meus bons camaradas, bonsinhos e queridos, muitos dos quaes tantas vezes tenho insensado nas minhas sanguineas, a esses e aos neutros, ofereço hoje uma pagina de oratoria. E vae para todos os da grei que não partilharam desse momento, porquanto o auditorio da noite memoravel de 10 de Fevereiro do corrente ano, limitava-se ao pessoal e elenco artistico que moureja no Teatro Maria Victoria, a popularissima casa de espectaculos em estilo decadente, pobrinha, sem conforto e sem amplidão, mas onde demonstrado está, o publico se sente bem, incluindo o Turismo em transitio, que, risonho, por aí passa frequentemente.

A boite emfim, onde as élites se tem acomodado sem protestos, — o *petit-alcazar* das nossas «Folies Bergéres», o «Casino» luzo, consagrado simplesmente com duas péças por ano, que são quantas ali se mantêm durante 12 e 14 mezes, com a empreza que findou sem exforço e com o numerario da bilheteira assegurado, — por muito que o não tenham querido os energumenos da colectividade, ou aqueles que ainda olham com esperanças — tragicamente desfeitas — para o *Tumulo* da Praçados Restauradores, agora tragicamente posto nas mãos de um excelente e atilado rapaz de cabelos cinzentos. E posto isto segue a oração:

MEUS SENHORES:

Não possuindo dotes oratorios, e para não vacilar, nem ser atraído pela memoria, ou natural nervosismo, — como tantas vezes sucede, e que o diga Lino Ferreira, o nosso estimavel Lino, merecidamente apotéosado em varias étapes, mercê da sua generosa alma e do seu iluminado espirito de creador de afeições, e isto de iluminado, sem insinuação ao seu luminoso e *waterclosado* e tabelecimento, — vou lêr-vos o que do cerebro, infiltrando-se-me pelo coração, escoreu pela minha canêta *Endura* de tinta permanente. Passe o reclame.

Meus amigos: — como mais velho cá do solar, e em nome da companhia que aqui triunfa, e no meu pessoal, venho dizer algumas pobres palavras, e pobres, por elas írem de mim, — ao nosso querido amigo Alberto Barbosa.

E porquê esta inesperada manifestação?

Simplesmente, porque *ele parte e fica!*

O que, mesmo assim paradoxalmente, vos anuncia a

sua partida amanhã para Madrid onde vae gosar umas ferias, e já não leva a efeito com grande satisfação de nós todos, a sua projectada viagem ao Brasil. Seria portanto pouco elegante, que nesta hora de sua legitima pertença, hora que passa veloz e nos impossibilita a realisação desejada de um banquete, hora de Alberto Barbosa, de ressurreição para alguns dos seus muis dilectos amigos e colaboradores, — que nós, e sem pretendermos negar as aptidões daqueles que ao Teatro têm dado o melhor do seu esforço e da sua intelligencia; aqui não viessemos afirmar — o que afinal ha mais tempo o *Diabo* não nos deixou — e afirmar solenemente, que Alberto Barbosa, é hoje a mais esplendida mocidade posta ao serviço administrativo do nosso teatro ligeiro. Possui sem camoflages, todos os predicados para bem dirigir a gente mais difficil de conduzir em todas as classes; e com educação, intelligencia, serenidade e uma boa dose de bom senso, marca Alberto Barbosa, a melhor competencia de equilibrio no Teatro popular em Portugal. E Deus, pois que já falei no *Diabo*, — permitisse que o éco destas palavras, chegassem aos ouvidos dos estonteados da Casa de Garrett, incluindo os dos homens illustres do Ministerio da Inspectoria das Belas Artes! E passo adiante.

Sou meus senhores, — e tenham paciência para atentos me escutarem — dos que vêm tateando a chamada nova maneira, embrenhando-me — porque não dize-lo — um tanto receoso, pela estrada torciculosa do tal de Marinette, receando o contagio da loucura que para aí vem amolecendo muito cerebro em formação. Receoso e até com medo incontido, porque essa gente môça e macilenta, muita da qual já atrofiada no fisico, — não ri, não sabe rir, — sorri simplesmente e com ar doentio... Não comem, petiscam! Não caminham, deslisam com os passitos sempre incertos, olhando de soslaio para as limozines que levam o luxo provocador das maquiadas e maquiados do ultra-sexo! São os desvairados da transição, e os insaciaveis e os neurastenicos, as proxinetas e os carunjeiros ou gígalôs. Alberto Barbosa porém, que é *homem-homem*, moderno e culto, não pertence, felizmente para ele e para nós que muito lhe queremos, a essa elite cubista de dessorados. E' um sincero, uma alma ampla, honrada e generosa, e um espirito de grande sobriedade á velha maneira com chispas de Talento para assimilar todas as modalidades da vida, procurando esgueirar-se com a leveza do franzino corpo, de todas as rotinas bafientas. E, como é um imaculavel, consegue, com estas descriptas

A REVISTA

blindagens de caracter, vencer naturalmente, todos os obstaculos que se lhe deparam, e sempre com a vizeira bem levantada. De uma flagrante sensibilidade espiritual, ele sabe com perspicacia conquistar, e subjugar sem alarde aos nobres, os potentados da colectividade sem se lhes tornar antipatico, e, como jamais foi cruel adentro das suas prerogativas, — e não poucas lhe têm enoculado sôros venenosos, — nós os artistas, sômos-lhe agradecidos. E' que Alberto Barbosa, tem sabido com invulgar diplomacia, dominar algumas das rebeldias da grei, alimentando-lhes as illusões, as vaidades e as veleidades, sempre com uma sobriedade de encantador disfarce; — e assim é que é, para que todos vivamos bem sem recelo de contagios doentios.

E aqui têm senhores, um dos claros motivos da nossa saudação, homenagem sincera que lhe enviamos muito do recondito dos nossos corações.

Resta porém, e não quero olvidar, — pedir á sua inconfundível bondade, o permitir que nesta saudação, ingressemos, como em guiza de guardiões de honor á sua pessoa, os seus dois belos e leaes colaboradores aqui presentes: — Antonio Macedo e Artur Rosa Mateus. O primeiro, a quem eu desejaria chamar o patife mais insinuante que tenho conhecido na minha já longa e procelosa carreira de destrembelhado e a quem afinal, deito a benção de um perdão por um mal de que só resta a cicatriz, e que é alem de um verdadeiro amigo de Alberto Barbosa, um valente marechal do metier, e pessoa tambem a quem todos votamos uma estima grata e sã. O segundo, um bellissimo camarada, e uma risonha mocidade em flôr, que desponta como uma aurora clara e vibrante de côr, a marcar simpaticamente a sua individualidade, sem os alardes atroadores da publicidade.

Este triumvirato, — e não lhe chamo *Trindade* para não enguiçar o sistema — podemos dizer-lo com

infinito orgulho, mantem a empresa teatral mais bem carrilhada do paiz, embora não possua o erario do Summo Pontifice que a todos procura dominar com o raminho de Loureiro!

Nestas circunstancias, e para terminar, eu que julgo nunca lhe ter alterado o espirito da ordem, venho pelos motivos já pallidamente descriptos, apelar para o seu magnanimo coração, no sentido de que mantenha a resolução de não nos abandonar, recolhendo bem no seu intimo, toda a sinceridade das pobres e despretenciosas palavras que ouviu.

Não terei tido, não tive eloquencia para me desempenhar desta honrosa missão de todos nós, mas tive, dou-lhes a minha palavra de honra, um grande prazer em lhes abrir o meu peito, tal qual sou, mendigo da Arte e soldado da sua legião do Bem.

Tenho dito.

CARLOS LEAL

Ainda ali não tinha chegado, o *taxi palinha*, a que eu de preferencia chamarei o *pronto socorro* do meu camarada Erico Braga.

Afinal, e já decorrido o tempo mais do que suficiente para modificar, algo do muito que acima expuz, em uma hora de alegrias que depois se entristeceram, — Alberto Barbosa, e por via marítima, — o que deve ter arreliado quem lhe guia o auto e o pensamento, trespassa-se para a linda terra brasileira, levado pelo afago leal e sincero de Antonio Macedo a que tambem presto o meu culto de homenagem e grafidão.

C. L.